

Roteiro Pedagógico

01

Experiência e conhecimento

Lenira Carvalho tinha uma maneira especial de refletir sobre suas vivências e as de suas companheiras. Partia da observação e da escuta, transformando experiências compartilhadas em produção de conhecimento e elaboração de estratégias para a transformação do mundo. Este Roteiro Pedagógico pretende apresentar reflexões sobre a forma como Lenira construía seu pensamento, a partir de um processo indissociável entre o aprendizado a partir da sua experiência e da experiência compartilhada por outras trabalhadoras domésticas. Sua maneira de refletir sobre o mundo é marcada pelos espaços de formação política que atravessaram a sua trajetória, como a Juventude Operária Católica (JOC) e encontros feministas. É uma forma de produção de conhecimento que possui afinidades com as tradições dos grupos de autoconsciência ou autorreflexão feministas e a educação popular no Brasil e na América Latina.

Nessa proposta de aula ou oficina, sugerimos atividades que impulsionem reflexões sobre como o que vivemos, quando refletido, pode ser potente para o processo de produção do conhecimento e para ação política. Colocamos o legado de Lenira Carvalho em diálogo com discussões feministas sobre produção do conhecimento, com as contribuições de Paulo Freire para a educação popular e com as reflexões de bell hooks sobre como a produção do conhecimento pode ser um espaço de cura e libertação coletiva.

Objetivos

- *Refletir sobre como a experiência pode ser potente para o processo de produção do conhecimento e para a ação política.*
- *Compreender a relação entre experiência (aprender com a vida), conhecimento (elaboração) e organização política (ação), em Lenira Carvalho.*
- *Apresentar as afinidades entre o pensamento de Lenira Carvalho, discussões feministas sobre a produção do conhecimento e as concepções de educação popular de Paulo Freire e bell hooks.*

Roteiros pedagógicos que se relacionam:

03

09

12

Experiência e conhecimento

Percurso metodológico

Tempo total estimado: 2h40

- 60' MOMENTO 1.
Sensibilização
- 90' MOMENTO 2.
Digo às companheiras que aqui estão
- 10' MOMENTO 3.
Encerramento

Materiais necessários

01. Dispositivos para exibição do filme *Digo às Companheiras que aqui estão*.
02. Cópias do Anexo, disponível neste Roteiro (xerocadas ou copiadas previamente com letras grandes em cartolinas/papéis).
03. Dispositivo para tocar música.
04. Cópias do texto “Lenira Carvalho e sua forma de pensar sobre o mundo” (opcional).

Preparação

Para realizar a aula ou oficina, sugerimos que a educadora se prepare com os seguintes materiais:

- Ver o filme *Digo às companheiras que aqui estão*.
- Ler a Apresentação do livro *A luta que me fez crescer e outras reflexões*, de Lenira Carvalho.
- Ler a introdução e os capítulos 1 - “Pedagogia engajada”, e 4 - “Paulo Freire”, do livro *Ensinando a Transgredir: educação como prática da liberdade*, de bell hooks.
- Ler o texto “Lenira Carvalho e sua forma de pensar sobre o mundo”.

Para aprofundar

Estes materiais servem como uma boa consolidação dos aprendizados:



A produção do conhecimento na práxis criativa do feminismo a partir de uma perspectiva materialista, situada e emancipatória. Artigo de Maria Betânia Ávila e Verônica Ferreira publicado em *Cadernos de Crítica Feminista*, ano VIII, n 07, dez de 2014.

Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade, de bell hooks. Deste livro sugerimos a leituras da Introdução e dos capítulos “Pedagogia engajada” e “Paulo Freire”.

Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa, de Paulo Freire.



www.leniracarvalho.com.br/roteiro1

Passo a passo

Momento 1. Sensibilização

A educadora coloca uma música tranquila e convida todas as participantes a ficarem sentadas, sem cruzar as pernas, com as mãos no colo. Pede para que façam três respirações profundas, inspirando pelo nariz e soltando pela boca. O objetivo é que relaxem e fiquem mais calmas e concentradas. Em seguida, entrega uma folha de papel A4 para cada participante e pede que mexam com ela criando formas. Enquanto manuseiam o papel, a educadora convida as participantes a pensar sobre uma experiência significativa que tenham vivido e que as fez aprender algo para a vida. O papel tem aqui alterada a sua utilidade mais convencional de espaço no qual fazemos registros, e se torna um suporte lúdico na organização das nossas próprias ideias, um objeto de interação que ajuda na concentração da atividade. Se houver tempo suficiente na aula ou oficina, ao final do exercício a educadora propõe uma breve rodada em que as participantes que desejarem podem compartilhar vivências e aprendizados recordados no exercício. No encerramento desse momento a educadora pode abordar os seguintes pontos:

- Todas as pessoas podem aprender algo com as suas vivências particulares e coletivas.
- Nos movimentos sociais, buscamos aprender com as coisas que vivemos, que experimentamos.
- Neste encontro vamos conhecer o pensamento de Lenira Carvalho, uma trabalhadora doméstica que participou ativamente do movimento de luta por direitos da sua categoria, que tinha uma maneira interessante de refletir sobre suas vivências e as de outras companheiras, a partir da observação e da escuta. Dessa forma, essas vivências se transformavam em experiências coletivas, e eram usadas na elaboração de estratégias para suas lutas, produzindo conhecimentos importantes para todas as pessoas que querem mudar o mundo.

Momento 2. *Digo às companheiras que aqui estão*

O objetivo desse momento é situar o pensamento de Lenira como um exemplo de elaboração de conhecimentos a partir da experiência individual e coletiva e conversar com o grupo sobre como isso ocorre em processos de organização e luta dos movimentos sociais. Depois de assistir coletivamente ao documentário *Digo às companheiras que aqui estão* (34min), a educadora apresenta trechos selecionados do livro *A luta que me fez crescer e outras reflexões* (Anexo). Os trechos podem ser copiados com letras grandes em cartolinas/papéis e previamente fixados nas paredes do ambiente ou distribuídos para todo o grupo. Se estiverem fixados nas paredes, a educadora pede que o grupo circule e leia as frases. Se optar por compartilhar os trechos em cópias, a educadora solicita que algumas participantes leiam os trechos para todo o grupo. Após este momento, a discussão sobre o filme deve ser guiada a partir de reflexões em relação à forma como Lenira Carvalho elaborava conhecimento sobre o mundo, convidando o grupo a conversar sobre o seu jeito de aprender com a vida da categoria das domésticas (experiência), como ela transformava isso em conhecimento (elaboração) e em organização e luta política (ação). Caso não tenha havido espaço para fala no momento da sensibilização, a educadora pode pedir que as participantes articulem suas reflexões iniciais com a discussão desse momento.

Momento 3. Encerramento

Ao término do debate, a educadora conclui a oficina ou aula com um comentário-síntese. Nesse momento, consideramos importante situar que o jeito de Lenira refletir sobre as experiências e produzir conhecimento se relaciona com (1) a experiência que ela teve com o método ver-julgar-agir, utilizado pela Juventude Operária Católica (JOC) – (ver roteiro pedagógico 9); (2) com a Educação Popular de Paulo Freire, que também é objeto de reflexão de bell hooks; e (3) com sua participação no movimento feminista, em especial, em atividades de autorreflexão, como as que ocorriam no Projeto Constelação (ação do SOS Corpo) e no Fórum de Mulheres de Pernambuco, movimento no qual atuou. O texto “Lenira Carvalho e sua forma de pensar sobre o mundo”, disponível neste roteiro, pode auxiliar na elaboração destes pontos. Ele também pode ser distribuído entre as participantes ao final da atividade.

Lenira Carvalho e sua forma de pensar sobre o mundo

Lenira Carvalho foi uma militante da causa das trabalhadoras domésticas. Junto com suas companheiras, esteve à frente de vários processos de luta e conquista de direitos para a categoria. Ao longo dessa trajetória, elaborou muitas reflexões sobre a sociedade brasileira e o lugar do trabalho doméstico nessa sociedade. Pensando sobre suas vivências, observando e conversando sobre a situação vivida também por outras trabalhadoras domésticas, produziu conhecimento sobre temas como o valor social do trabalho doméstico, a relação de afeto entre trabalhadoras e patrões/patroas, as relações existentes entre o período da escravidão e o mundo do trabalho de hoje, entre tantos outros. No seu próprio processo de elaboração sobre o mundo, desenvolveu estratégias, ações políticas e modos de organização da categoria. A consagração de Lenira não era apenas à luta das trabalhadoras domésticas, ela tinha um grande compromisso com a construção de uma perspectiva de transformação do mundo que parte da classe trabalhadora e das mulheres, incorporando a situação vivida e refletida por sua categoria.

Como podemos observar no documentário *Digo às companheiras que aqui estão* (2022) e no livro *A luta que me fez crescer e outras reflexões*, o jeito de Lenira Carvalho construir seu pensamento é um processo indissociável entre o aprendido a partir de sua experiência e da experiência compartilhada por outras domésticas. Ela iniciou sua atuação política na Juventude Operária Católica (JOC), foi coordenadora do Fórum de Mulheres de Pernambuco em outro momento de sua trajetória e presidente do Sindicato das Trabalhadoras Domésticas de Pernambuco. A sua maneira de produzir conhecimento é atravessada pelas vivências que teve nestes diferentes espaços. Dessa forma, possui afinidades com as experiências feministas de autorreflexão ou autoconsciência, com o método ver-julgar-agir utilizado pela JOC, e com o amplo legado da educação popular no Brasil e na América Latina. Podemos identificar relações entre a sua forma de pensar sobre o mundo e as contribuições de Paulo Freire e bell hooks, com essas autoras ela compartilha a compreensão de que práticas educativas com uma perspectiva reflexiva e crítica têm uma grande importância para a transformação social.

Os grupos de autorreflexão feminista são espaços de escuta e elaboração teórico-política onde as mulheres refletem sobre a estrutura social a partir de um olhar sobre as suas próprias vidas. Para o feminismo, a conscientização das mulheres não é uma etapa, é parte da sua estratégia e da forma de viver que se quer construir. O encontro com as nossas próprias experiências é fonte de fortalecimento subjetivo e de compreensão das estruturas de exploração e dominação que nos atravessam. O olhar sobre as histórias de vida compartilhadas nesses espaços, dessa forma, não é direcionado à análise da situação particular de cada uma, mas à elaboração de conhecimento sobre a situação das mulheres de forma mais ampla. Os princípios políticos e metodológicos que inspiram esses espaços podem ser encontrados também em outras práticas de reflexão crítica e são incorporados pela pedagogia feminista para além dos grupos de autorreflexão. O que aproxima o pensamento de Lenira Carvalho dessa tradição é o seu processo sistemático de partilha e reflexão sobre as próprias vivências como forma de compreender e desmistificar estruturas de dominação socialmente naturalizadas. Olhar para si e para as experiências das companheiras, nesse sentido, é um processo investigativo, que alimenta um processo de teorização sobre o mundo.

Como diz Paulo Freire, no livro *Pedagogia da autonomia*, “quem observa o faz de um certo ponto de vista”. O ponto de vista que interessava a Paulo Freire era o dos grupos excluídos, ele se preocupava em observar o mundo de forma atenta às injustiças a que esses grupos são submetidos. Nesse sentido, não tinha o interesse de “assumir um ar de observador imparcial, objetivo, seguro, dos fatos e dos acontecimentos”. Interessava a ele assumir uma responsabilidade ética de combate a qualquer manifestação discriminatória de raça, de gênero, de classe. É também com esse propósito que Lenira Carvalho pensava sobre o mundo, como uma trabalhadora, situada, sobretudo, na experiência do trabalho doméstico e do movimento de luta por direitos dessa categoria. Ela refletia sobre suas próprias vivências em diálogo com o que observava, escutava e refletia também sobre as vivências de outras companheiras da categoria. Nesse processo, elaborava aprendizados

e estratégias importantes na luta por direitos e um conhecimento valioso para todas as pessoas que querem mudar o mundo.

O modo como Lenira Carvalho realizava seu processo de teorização, a partir da experiência refletida, tinha como preocupação a ação no mundo para transformá-lo. O pensamento-ação de Lenira Carvalho se encaixa no que bell hooks considerava um processo de produção do conhecimento como lugar de cura, no qual a teorização é um lugar onde se pode imaginar outros mundos possíveis. Para essa autora, assim como para Paulo Freire, aproximar as nossas ideias das nossas ações, ou seja, prática e teoria, é fundamental para que a nossa produção do conhecimento seja uma *práxis* emancipadora. Para que possamos imaginar outros mundos, é preciso ter em mente, como também nos lembra Paulo Freire, que a história não é o tempo dos determinismos, mas das possibilidades. Isso já é, em si, um ato de contestação. As condições sócio-históricas da população negra, da classe trabalhadora e das mulheres e os processos de exploração e dominação a que estão submetidas são parte das condições nas quais

vivemos. Mas se somos seres *condicionados*, não somos seres *determinados*. Isso significa que a dominação e a exploração não são naturais e, se não o são, é possível refletir sobre elas, constatar, comparar, avaliar, decidir, romper, intervir e transformar coletivamente as suas estruturas.

A cena final de *Digo às companheiras que aqui estão* (2022) é representativa do jeito de Lenira Carvalho construir seu pensamento. Entendendo que o sindicato das trabalhadoras domésticas está enfraquecido, quando deveria, ao contrário, ser percebido como resultado de uma luta histórica e fundamental na conquista de direitos e que, portanto, não pode parar de ser construído e atualizado pelas domésticas, Lenira percebe que não cabe a ela e nem a ninguém fazer com que as trabalhadoras acreditem na importância do sindicato. Esse entendimento precisa partir da experiência refletida, da conscientização, da compreensão de que as domésticas são sujeitos da transformação social. Nada disso é dado, precisa, como Lenira Carvalho nos lembra, ser construído pelas próprias trabalhadoras, com um método adequado às suas realidades.

Glossário

Práxis

Diz respeito à capacidade humana de agir refletidamente a partir de pressupostos teóricos, ou seja, é uma articulação entre teoria e prática, que, na perspectiva marxista, serve como ação coletiva para a transformação da realidade social. O uso que fazemos de *práxis*, aqui, em sentido marxista, é de uma prática direcionada à transformação da realidade. Quando falamos em *práxis* emancipadora, não nos referimos a *práxis* apenas no sentido de ação humana refletida, mas, como propôs o sociólogo Thomas Bottomore, uma “*práxis* positiva”, que indicaria uma ação humana como revolução social, ao invés de uma “*práxis*” negativa, que seria a prática (conformação) de uma ação alienada.



Anexo

Trechos para a atividade proposta no Momento 2:

Trechos do livro de Lenira Carvalho, *A luta que me fez crescer e outras reflexões*.
Recife: Edições SOS Corpo, 2022.



“Em todo o meu trabalho, em toda a minha luta, eu sempre tive que voltar a mim mesma para poder entender as minhas companheiras. Eu, Lenira, como fui, e Lenira como estou sendo hoje, depois de ter passado por um grande processo de aprender com outras pessoas, com as minhas companheiras.”

Lenira Carvalho, *A luta que me fez crescer e outras reflexões*, 2022, Epígrafe.

“Uma coisa que acredito é aquela palavra que diz: “você vê mas você não enxerga”. Isso é muito concreto. Porque eu passei 16 anos como doméstica e não via. Não via toda uma vida que estava junto de mim. Eu só fazia me revoltar. E depois, quando eu descobri, eu comecei a enxergar. E eu não vivi toda a vida lá? Quer dizer, de fato eu via, mas não enxergava.”

Lenira Carvalho, *A luta que me fez crescer e outras reflexões*, 2022, página 187.

“(…) Todo mundo fala: ‘a comida, a comida, a comida’. Meu Deus, mas que comida? (...) Mas por tudo se passa a comida na cara da gente... As pessoas querem dizer que a doméstica tem que ganhar pouco porque tem comida, porque come. E não vê que a gente trabalha tanto (...) Certo que a comida faz parte. Mas eu acho que eu tenho que ver também quantas horas eu trabalho dentro de uma casa para ter essa comida. Então, pelo que eu trabalho, aquela comida já está paga.”

Lenira Carvalho, *A luta que me fez crescer e outras reflexões*, 2022, página 41.

“A gente fez uma pesquisa e viu que as coisas que a doméstica mais quer é horário e salário. As outras coisas vêm depois (...) Porque o que a gente sente é que a gente não é dona da nossa vida. As meninas dizem isso abertamente: ‘A gente não é dona da vida da gente, porque a gente não pode dizer ‘eu chego a tal hora’. Nem para falar com o namorado, nem para aula, nem para uma reunião, nem para nada, porque tudo está dependendo dos donos da casa’. Um dia almoça num horário, outro dia almoça no outro.”

Lenira Carvalho, *A luta que me fez crescer e outras reflexões*, 2022, página 75.

“De vez em quando, nos domingos, começamos a reunir as domésticas somente para nos distrairmos. Comemorávamos aniversários, convidávamos alguns rapazes (para também podermos dançar) e fazíamos algumas brincadeiras. Chamávamos esses momentos de ‘Tarde Alegre’ (...) Depois, a gente começou a fazer piqueniques. Era muito difícil, porque a gente não tinha folga no domingo (...) A partir daí e, aos poucos, fomos organizando outros passeios e isso foi ajudando muito as meninas a se esforçarem para conquistar um domingo de folga. Algumas conseguiram um domingo livre por mês e outras, a cada quinze dias.”

Lenira Carvalho, *A luta que me fez crescer e outras reflexões*, 2022, página 118.